ANO 2.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 1923 N.º 587

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O *A B C*, de Madrid, publicou no seu ultimo numero extraordinario um artigo sobre Lisboa, assinado por Rafael Villaseca. E' sobremodo interessante de observações e sobrio nos comentarios, esse artigo, acompanhado de gravuras, uma das quais é o nosso Rocio—que já não existe.

Justamente dizia, em referencia ao tempo em que o viu como ele já não é, o sr. Villaseca:

«Três ruas irmãs desembocam na grande praça do Rocio, centro e coração de Lisboa. Mais heterogenea que a nossa Puerta del Sol, cada lado apresenta um aspecto dlferente... (segue a descrição dos passeios, do teatro, dos estabelecimentos). O ambiente está saturado de café, de imprensa e de tabaco, os eternos estimulantes da intriga politica e do gosto pela discussão e comentario nos *mentideros*. O motivo, porém, mais português e ostentoso da praça é o grande mosaico central da linhas sinuosas que o pavimenta como um imenso tapete de pedrinhas. Tambem é original e agradavel o efeito de contemplar atrás dos telhados uns grupos de casitas que sobre uns verdes altaneiros se debruçam para a praça, e que parecem resumir, como esses camponios que se vêem nas tribunas publicas das Camaras do Parlamento, todo o poema politico ingenuo e ironico do campo ante a cidade».

Que diria agora Villaseca, vendo o Rocio moderno, que ganhou em estravagancia e que perdeu em caracter?

E já agora transcrevemos ainda, que o artigo é todo gracioso:

«Lisboa agrada imediatamente. Logo em seguida oferece toda a calida beleza meridional no deslumbramento do ceu, do mar, do sol e da côr. Como as suas cidades, irmãs, Napoles ou Marselha, ela afirma a fidelidade da sua condição maritima prolongando-se sobre a margem que em Lisboa forma a embocadura do Tejo. A extensa fachada fluvial compreende toda a sua historia e desenvolvimento. A parte mais recolhida e distante do Oceano é a Lisboa antiga; o centro, na Lisboa baixa, a Lisboa moderna, e os bairros da Ajuda e Belem. A parte antiga apresenta todos os aspectos tipicos das velharias nas cidades: a misera velhice irremediavel dos casebres, a velhice pulcra e limpa, restaurada, das vivendas senhoriais e, como protegendo tudo isto do fatal acabamento, a sombra protectora dos monumentos historicos... (descrição modelar das igrejas e das catedrais).

E sobre teatros:

«Afastado da sua nacional dramaturgia romantica, o teatro português decai ao presente, como o nosso, entregando-se a hibridos espectaculos de revistas frivolas, nos quais o espirito nacional e a nota caracteristica e local naufragam entre os vagos cosmopolitismos da opereta e do baile...»

* * *

A QUESTÃO de Moçambique volta a agitar-se. O ilustre ministro das Colonias, que a todo este momentoso assunto tem dedicado o maximo da sua atenção, confia em apresentar, muito mais breve do que se supõe, o relato das negociações entre a União e o governo, não de Moçambique, mas da metropole. Mas o ponto de vista do sr. ministro das Colonias está longe de merecer a concordancia de todos os coloniais ilustres.

UM EXEMPLO

Anunciou-se, em Espanha para efeitos de politica no peor sentido, que D. Afonso XIII — abdicava.

D. Afonso XIII é um dos Chefes de Estado mais nobres, mais moralmente elegantes, mais leal e mais inteligentes do mundo inteiro. A sua figura de monarca está rodeada do prestigio que a soberania, nas nações tradicionalistas, empresta á dignidade reinante. Mas, acima disso, a sua figura de homem moderno — patriota como o mais humilde filho de Espanha que se deixou morrer em Marrocos — mantem-se em pleno alvoroço de grandeza. Um republicano que diga: «Afonso XIII é um grande espanhol, e em qualquer pais seria um grande homem», não comete uma traição.

Pois é este Rei, de quem ha tempo se confidenciou «ter dito que aceitava a Republica se a Espanha a quizesse», que agora andou num ou noutro jornal como Soberano na disposição de abdicar.

E o que fez o Rei? Reuniu o seu conselho? convocou os altos politicos? as gentes gradas palatinas para perguntar: «como hei de dizer que isto não é verdade?»

Esperou que o Parlamento indagasse? Habilitou o governo a desmentir? Ao menos — fingiu não ter sabido que lhe atribuiam aquele proposito?

Emfim — desprezou o boato? Imaginou-se superior a ele? Meteu-se na torre de marfim dos reis, ou dos grandes diplomatas de alguns paises?

Afonso XIII aproveitou o primeiro pretexto e falou.

Inaugurando uma biblioteca numa escola de pintura — estudantes, artistas, alguns politicos, a espuma da Espanha moderna — disse:

«Devo agora referir-me a alguns boatos que por aí circulam...» Etc. E desmentiu a abdicação.

Eis o exemplo que quero apontar. O Rei fala á rua, ao boato, face a face do vulgo. Lá fora, á saída das conferencias que destinam o mundo, falam os chefes, os altos politicos, os representantes das potencias. Duas horas depois de uma conferencia — não ha segredos.

Todo este procedimento universal, onde só se guardam as reservas inevitaveis nas chancelarias, contrasta singularmente com a politica de silencio que por vezes embrulha, em Portugal, os casos mais simples em fachas de misterio.

O Rei Afonso XIII indo ao encontro de um boato marcou, do alto do seu trono, um lugar de oposição áqueles frageis homens que, por um errado consenso de politica, passam a vida publica a provocá-los. — *A.*

RESPOSTA INESPERADA

—Se esta sopa é de rabo de boi, eu sou idiota.
—Tem o senhor razão. E' de rabo de boi.

EINSTEIN, o famoso filosofo matematico alemão, que já fez a sua conferencia em Barcelona, está em Madrid onde tem sido obsequiadissimo. O autor da teoria da relatividade recebeu em tempo convite para vir a Portugal. Cremos que declarou não ter tempo. E' realmente pena que Einstein não venha ao nosso país. O sr. dr. Julio Dantas chegou a pensar — se não estamos em equivoco — em organizar na Academia das Sciencias uma grande sessão, na qual a palavra reveladora do sabio entreteria o espirito culto das pessoas sabedoras de Portugal. Mas—como dizemos — Einstein desculpou-se com a Faculdade de Sciencias, do Porto, que seria quem o convidou em primeiro logar, e a solenidade academica ficou prejudicada. O sabio alemão, como se sabe, foi feito membro da Academia espanhola.

* * *

VERIDICO. Esta tarde defronte da montra da Portugal-Brasil uma mulher bonita, sem ar de Senhora, muito mulher do povo, parou e demorou-se. Esteve ali mais de cinco minutos, a contemplar as capas dos livros, quasi todos franceses. Perguntaram-lhe: «então, está muito interessada? que livro prefere de tantos?». Respondeu simplesmente que «preferia aquele». E apontou um, de letras bonitas, que ela teimava em decifrar. «Gosta, então muito do Dantas?» Sorriu no seu olhar infeliz e doce. Que não. Que não sabia quem era. «Eu não sei ler». Instinto apenas, a sua preferencia. A capa dizia, mentirosamente, da maneira de amar.

* * *

CONTRA a ideia da «ponte espanhola» sobre o Tejo começa agora, que o plano passou no conselho superior de obras publicas, a esboçar-se umas reservas de ordem tecnica e até de ordem patriotica, que possivelmente virão a publico, a que se atribue uma certa importancia. Não desejamos complicar uma questão—que não é clara—e por isso limitamo-nos a anunciar o facto.

* * *

O Sindicato Unico da Construção Civil, oficiou ao sr. ministro do Comercio, pedindo uma audiencia, a fim de tratar do operariado que está atravessando uma grave crise de trabalho, visto que 75 por cento das construções paralizaram devido ao retraimento do capital, resultando estarem muitos operarios sem trabalho.

* * *

FAUSTO Guedes Teixeira, o poeta mais romantico da sua geração, acaba de publicar um livro, intitulado *Sonetos de Amor*. E' toda a alma do poeta gloriosissimo do *Meu Livro*, estilizada com paixão e romantismo do mais culto e do mais sentido. Na nossa pagina literaria transcrevemos alguns sonetos.

* * *

O sr. general Sousa Rosa, comandante da 3.ª divisão do exercito, conferenciou, hoje, com o sr. ministro da guerra, parece que sobre assuntos tratados recentemente no Parlamento.

* * *

VÃO ser adquiridas locomotivas destinadas ao caminho de ferro de Inhambane, para o que foi aberto um credito extraordinario de 58,500$00 ouro.

* * *

ANUNCIA-SE para estes dias um novo livro de Lusia, a autora do «Rindo». Intitula-se «Cartas da cidade e do campo...».

S. Carlos

«Hamlet»

«Recordar é viver»—diz algures um dos nossos mais falados escritores. E assim é. Recordar é viver, viver pelo menos uma vida áparte, retirada desta hora febril, neurastenica, doente, que é a vida banal que atravessamos.

E é tão bom recordar!... Encontrar a essencia do passado para com ela revestir os factos do presente, unir ao que é, o encanto do que foi, eis o segredo da vida, o fundo principal de todas as fantasias romanescas do sentimento. Isto de sentirmos no espirito o contacto subtil das coisas que passaram, aquele fluido inexplicavel que nos torna a alma toda num encanto vago, indefinido—o fluido da recordação—é ainda a melhor forma de fazermos palpitar em nós a aza imaterial do sonho. Assim foi que Lisboa, que tão injustamente e inexplicavelmente se tem retraído por vezes na actual temporada lirica em face dos soberbos espectaculos de Arte que a corajosa empresa tão generosamente nos tem proporcionado, afluiu ontem em animadora concorrencia á velha sala de S. Carlos, onde a vida vibrante dos vestidos claros garridamente animava o fundo sombrio das casacas negras no louvavel desejo de fazer reviver talvez o «raffinement» elegante dos tempos que passaram. Havia bastante gente da sociedade antiga, talvez ansiosa de fazer confrontos. Cantava-se o *Hamlet*, de A. Tomás.

Esta recita teve quasi fóros de primeira audição. O *Hamlet*, bastante desigual como musica, pois possui pedaços notaveis, sobretudo sob o ponto de instrumentação, a par de outros em que os creditos do autor descem muito do nivel a que a *Mignon* os elevou, não fôra cantada em Lisboa desde 1907. Ha desenove anos. Dele se lembram ainda muitos da minha geração. Foi nos convulsivos dias dos finais de uma sociedade quasi sumida já no turbilhão dos factos, foi nessa longinqua época, em que a tão caluniada ditadura franquista apenas ensaiava ainda os seus primeiros dramaticos gestos, esses gestos decisivos que precederam as tragicas paginas de historia que de então para cá temos vivido. Nos intervalos ouviam-se conversas onde havia alusões, perpassando na poeira doirada da recordação.

E o *Hamelet* o sombrio principe da Dinamarca que na concepção de Shakspeare toma uma importancia toda filosofica, completamente deturpada ali pelas necessidades do libreto, seguia imperturbavel a sua marcha inigmatica de simbolo, marcando expressões admiraveis na mascara intensissima de Crabbé, o interprete genial do *Barbeiro de Sevilha* e do «Scarpia» da *Tosca*, o grande cantor-actor cuja arte admiravel tem o poder de, traduzindo, criar sempre qualquer coisa a dentro dos papeis, indo além, até por vezes, da concepção primitiva do autor.

Armand Crabbé, com os extraordinarios recursos do seu magnifico orgão vocal, o seu apurado senso musical, a sua excepcional observação dos pequenos detalhes, com tudo aquilo, emfim, que póde contribuir para a formação da sua superior organisação artistica, arrancou verdadeiros delirios de aclamações á assistencia, que o obrigou a bisar o *brinde*.

Ada Sari, cujo garganto excepcional sabe envolver os que a escutam na sua complicada teia de gorgeios como se fôra o alado frémito de um sonho, encantou uma vez mais os que já a haviam admirado no «Barbeiro» e na «Sonambula», fazendo ontem uma «Ofelia» adoravel de suavidade e de poesia, dramatisando muito bem, sobretudo o ultimo acto, em que largamente pôs á prova os seus recursos.

Helen Sadoven cantou e representou admiravelmente a sua parte de «Rainha», conservando sempre aquela linha heraldica no gesto e na figura, que, a par do seu sentido dramatico, indiscutivelmente superior, contribue para sobre ela chamar, em todos os paises, as atenções.

Percy Costa no «Rei», bem como Gras-Solé, Erauzkin, Prati e Stagani, correctos, assim como a orquestra, que foi dirigida com a costumada proficiencia e meticuloso escrupulo pelo maestro Fabbroni.

Oliva Guerra

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18—Praça dos Restauradores—18

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

COISAS NOSSAS

As estradas em Portugal

Mais um protesto sem resultado?

O *Diario de Noticias* ha dias, poz em claro relevo o estado lamentavel das estradas de Portugal e aduziu em defesa da indispensavel urgencia do seu arranjo, argumentos dos que têm peso e calam no espirito de quem se interessa por assuntos que beneficiem a nação. Li esse artigo com o cuidado devido e notei que nele, por palavras diversas, se clama e se pede o que por varias vezes, em termos mais ou menos identicos, apondo razões, argumentos e ideias, no *Diario de Lisboa*, eu fiz tambem, em artigos sucessivos.

O que agora se escreve, certamente terá o mesmo éco que então tiveram as palavras que a colecção do *Diario de Lisboa* arquiva, não para satisfação minha, mas para justificação dum clamor que já então se estendia de norte a sul, suficiente para abrir os olhos de algum ministro que despisse as vaidades do mando para tratar apenas do interesse de todos nós.

* * *

Mas oxalá que não tenha, tanto mais que, pelo que li, vão tomar parte activa no protesto que é preciso levar perante o ministro, as camaras municipais do país. Talvez assim, essas fatuidades balofas que se elevam á custa de todos nós e uma vez no mando esquecem os deveres a cumprir, olhem, sem sobranceria para o assunto que lhe vai ser exposto. Duvido!

A minha experiencia da vida, um pouco aclimatada já aos desenganos da politica e por isso mesmo a ferro e fogo com tão descaroavel matrona, tem-me feito convencer que são fogos fatuos, aqueles assuntos, que nós tratamos com amor e carinho, sem outro interesse que o natural de quem ama e ainda supõe capaz de ser grandioso, este torrão lindo em que nasceu. E tão grandes são os desenganos, tão revoltantes as provas colhidas no cavar diario do pão do espirito, que sem nós mesmo termos disso vontade, a pena encarrega-se de escrever frases um pouco asperas para castigar a tolice estupida e vasia de tanta nulidade que ascendendo aos conselhos da nação, não vê, não olha, não estuda e nem sequer se dá ao incomodo de ouvir, o estado vergonhoso das nossas vias de ligação, os protestos que vêm de norte a sul, o clamor que ricos e pobres deixam saír, convictos que a Republica não quer ha muito saber do bem do povo e apenas do pessoal descanso de quem decreta bugigangas para segurar descontentes, com despreso absoluto pela felicidade dos que moirejam, suam e no final levam aos cofres da nação, o ouro com que eles se banqueteiam.

Sinto-me revoltado? Talvês! Tenho razões de sobra, não pessoais porque nada pedi nem precisei, mas resultante dos enganos a que está sujeito quem trata com amor interesses que vê abandonados e esquecidos por aqueles que têm o unico dever de os não abandonar.

* * *

Não vai feliz a apoca para governar povos! Estou certo que não são de bonança as horas de quem deixa a tranquila paz do lar pelas agitadas horas de governo duma barcaça ministerial que mete agua por todos os lados.

A indisciplina social, a grande luta de interesses que a feira de vaidades em grita que atordoa, todos os dias apresenta, são de molde a justificar certas falhas e a desculpar alguns erros.

Mas nem uma nem outra coisa perdoa que assuntos da capital importancia destes que o *Diario de Noticias* vem tratar com tanta soma de argumentos, se relegue para plano secundario. Governar é providenciar e as providencias não se tomam sobre o joelho, como quem, na bricadeira da escola, deixa o estudo para secundario logar.

O problema das estradas colide com milhares de assuntos e vai do norte a sul como o trovão vigoroso e forte!

O temor dos primeiros instantes, pela presistencia do barulho, torna, melhor, transforma em neurastenia de todas as horas esse socego de espirito reclamado por quem trabalha. E o trabalho morre; e os resultados fenecem; a vida paralisa e o bem de nós todos passar irrializavel utopia.

Assim, quem aceita o pesado encargo de governo, não tem o direito a desculpas e não as sabe!

Se sabe, demonstra pela multiplicação de esforços que olha por todos os interesses e para eles congrega as suas horas: senão sabe —e infelizmente 50 % dos ministros estão neste caso—vai para casa ou não sai de casa, porque é hoje banalissimo adjectivo o apendice de ministro nos cartões pessoais.

* * *

Lá fora ha exemplos de sobra para nos indicarem um caminho seguro! Em vez de se procurar calar a boca esfomeada duma coterie que nos envergonha e desgraça, o ministro estuda e providencia. Desse estudo, no caso a que aludo, resultaria um bem, suficiente para elevar um nome ás culminancias da historia e da gratidão nacional.

Tal como as estradas têm continuado a ficar, deixando nas mãos inhabeis duma direção serviços que dois anos passados deviam estar transformados, é presistir numa vergonha que reclama castigo, que o exige, que o precisa.

E este castigo devia cair em primeiro logar sobre a cabeça dos que abandonam deveres, para se entregarem á volupia duma dança, muito parecida com aquela que fascina mata e queima as borboletas ingenuas, que á roda da luz se esforçam pelo suicidio.

Vamos a esperar os resultados dos esforços do «Diario de Noticias» e oxalá que ele e as camaras municipaes, consigam acordar da letargia em que se embeberam, esses superhomens que tão alheadamente no governo estudam as questões que de voz em grita, quando oposição, clamam de facilima resolução.

* * *

O assunto pela sua magnitude presta-se aos comentarios e considerações por demais dispersas no que escrevi, mas nunca em demasia para colher frutos.

Recompilarei e tornarei a reforçar, senão com a fragilidade da voz mas com a força da rasão, aquela montanha de queixumes que voltam agora a ouvir-se, afim de tambem concorrer para o bem da minha Patria.

Alvaro Netto

Telefone C. 3033 SOUZA, MOURA & C.ª, L.da End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.°—RUA AUGUSTA—70, 2.°
TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras

D. Maria Pinto de Morais Sarmento Cohen do Espirito Santo Silva e D. Vitoria de Carvalho Daun e Lorena.

E os senhores:

José Maria de Mendoça Cirne, João Vicente de Lima Mayer, Alfredo de Abreu, Ricardo Eduardo Reynolds e José Viana Crespo.

Casamentos

Há dias realizou-se na capela da casa da senhora D. Amelia de Macedo Campos e Sousa e do sr. Augusto de Campos e Sousa, o casamento de sua gentil sobrinha e senhora D. Maria Heloiza Macedo Bobela da Mota, filha da senhora D. Luisa de Macedo Bobela da Mota, já falecida, e do ilustre oficial da armada sr. Augusto Bobela da Mota, com o sr. Artur de Sampaio da Silva Fevereiro, filho da senhora D. Rita Fevereiro e do sr. conselheiro Artur Fevereiro, já falecido, tendo servido de madrinhas as senhoras D. Maria José Bobela da Mota e D. Carolina de Macedo Morais e de padrinhos os srs. Luís de Sampaio Fevereiro e Francisco Tavares Proença.

Celebrou o acto o reverendo Vacondeus, prior do Sacramento, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, tendo durante a cerimonia o sr. Costa Pereira executado no orgão varios trechos de musica sacra.

Findo o acto religioso foi servido na sala de jantar da residencia um finissimo «lunch» da Marques, seguindo depois os noivos para as suas propriedades de Sarsedas, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Nascimentos

Teve ha dias o seu bom sucesso a senhora D. Josefina David Reys e Sousa, esposa do sr. Arnaldo Futscher Reys e Sousa.

Diplomatas

Decorreu muito animada a «matinée» de ontem no palacete da legação de França, á calçada do Marquês de Abrantes, oferecida por madame Bonin, esposa do ilustre ministro de França em Portugal, ao corpo diplomatico e a varias pessoas da nossa primeira sociedade.

—Encontra-se quasi restabelecida madame de Cantillo, esposa do ilustre ministro da Argentina em Lisboa, sr. D. José Maria de Cantillo. Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

A caridade

Recita de amadores

Realizou-se esta tarde no teatro de São Luis, sob a direcção da notavel actriz sr.ª D. Lucinda Simões, o primeiro ensaio da engraçada comedia original do saudoso comediografo Gervasio Lobato «Sua Excelencia», que nos primeiros dias do proximo mês de Abril, se representará no mesmo teatro em recita de caridade organizada por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia e cuja nota ontem demos.

Alem do sr. Luis da Gama, que nos temos referido, diremos hoje que a distinta amadora a que ha dias nos referimos encapotadamente, é a sr.ª condessa de Santar, que se apresta a desempenhar um dos principais personagens femininos.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã, de tarde, nas «matinées» elegantes do Coliseu dos Recreios, Salão Fox, Chiado Terrasse e Cinema Condes e, á noite, no Eden-Teatro, récita da moda, com a lindissima opereta «O Fado».

Em viagem

Vindo da sua esplendida quinta da Espertina, perto de Coimbra, encontra-se em Lisboa, hospedado no hotel Borges, o sr. conde de Felgueiras.

—Está em Lisboa, vindo de Coimbra, o ilustre lente da Universidade sr. dr. Luís Carrisco.

—De Castelo de Vide, partiu para Portalegre, o sr. José Augusto de Orb Camarate.

—Ha dias partiu para Amoreiras, onde vai fixar residencia, o distinto clinico sr. dr. José Teodoro dos Santos Formosinho, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Augusta Ribeiro Leal de Formosinho Sanches

Doentes

Está felizmente já completamente restabelecido o sr. dr. Luiz Vieira de Castro, filho do importante banqueiro madeirense sr. Henrique Vieira de Castro. E' com grande prazer que registamos esta noticia.

MAQUINAS DE ESCREVER
ACESSORIOS E REPARAÇÕES GARANTIDAS
DUPLICADORES E MÁQUINAS DE CALCULAR
Telefone N. 3158 Oliver, Lim. R. Prata, 250, 2.°

REPARAÇÕES ELECTRICAS
REPARADORA ELECTRO-MECANICA, LIMITADA
R. TRINDADE, 18-A, 26
TELEF.: N.-4432

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

TEATRO DE S. CARLOS

HOJE, ás 21 h. — 12.ª recita extraordinaria

1.ª representação da opera em 3 actos libreto de Lopes de Mendonça, musica de Alfredo Keil

SERRANA

sob a direcção do maestro Fabbroni, pelos cantores Alice Pancada, Stefan Belina, Ivantzoff, Percy Costa, Gras Solé e G. Lussardi.

Preparação dos côros do maestro Olivio e ensenação de Sularich — Scenarios de Manini, propositadamente feitos para a estreia em 1899 neste teatro.

POLITEAMA

EMP. LUÍS PEREIRA — Tel. 3028 N.

HOJE, ás 21,30 — Grande recital de piano pelo eminente pianista

Varella Cid

com um programa selectissimo

C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

AMANHÃ — A peça historica, de grande exito, trabalho admiravel de A. Rey Colaço

A Ribeyrinha

EDEN-Teatro

QUARTA-FEIRA, 7 DE MARÇO

Festa artistica dos actores SANTOS CARVALHO e ARMANDO MACHADO com a interessante opereta

O FADO

Completa o espectaculo um grandioso acto de variedades

Ámanhã, segue na sua carreira triunfal a opereta «O FADO».

Suspensas as entradas de favor

TEATRO SÃO LUIZ

CONCERTOS BLANCH

DOMINGO, 11 DE MARÇO

MATINÉE, ás 3 horas da tarde

Definitivamente: ULTIMO CONCERTO da Orchestra Synfonica Portugueza

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

Grandioso Festival de Beethoven

PROGRAMA

1.ª PARTE — «Septimino» (completo com todos os andamentos): a) Adagio-Allegro con brio; b) Adagio cantabile; c) Menuetto; d) Thema com variações; e) Scherzo; f) Andante con moto-Presto — Por todos os professores que compõem os respectivos naipes da orchestra.

2.ª PARTE — «6.ª Synfonia (Pastoril)»: a) Allegro ma non troppo — Sensações agradaveis que se experimentam ao chegar ao campo; b) Andante — Scena junto ao regato; c) Allegro — Alegre reunião de camponezes; d) Allegro — Tempestade; e) Allegretto — Canto dos pastores — Alegria em acção de graças á divindade depois da tempestade.

3.ª PARTE — «Romanza em Fá» — Violino solo, professor Flaviano Rodrigues — «Leonore», ouverture n.º 3.

BILHETES Á VENDA

Ponto de reunião elegante

Os espetaculos diarios e a «matinée» elegante de ámanhã

Cada vez merecem mais atenção e mais entusiasmo do publico os formidaveis e sensacionais trabalhos que os artistas da grande companhia de circo todas as noites executam no Coliseu dos Recreios e que são os mais emocionantes, os mais difíceis e mais perfeitos que se teem visto em Lisboa.

No elenco da companhia, como toda a gente sabe, figuram as maiores celebridades que se teem apresentado no estrangeiro e que ali teem obtido o maior e mais justificado sucesso, como aconteceu com os notabilissimos acrobatas Walter Gers que executam trabalhos arrojadissimos e de absoluta novidade.

A'manhã realiza-se uma grandiosa «matinée» elegante com um formidavel programa, havendo já muitos logares tomados pelas principais familias da nossa sociedade mais distinta.

HESALIN

Novo preparado quimico alemão para limpar fatos, vestidos, tecidos em seda, lã e algodão. Não prejudica a côr nem a qualidade.

A. F. JERVIS, L.da

12 — Trav. do Almada, s|l, Esq. á Madalena

A' venda em todas as drogarias

LIVROS NOVOS

SONETOS DE AMOR

POR FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Vida escura

Tu nunca entenderás o que se passa
Dentro de mim... nem queiras entender!...
Se a formosura é toda a tua graça,
Sê formosa, que é esse o teu dever.

Não és feliz? Não sei o que te faça!
Mas que pensarás tu, se te disser
Que eu sou mais venturoso na desgraça
Do que tu na alegria o podes ser?!

Que nos importa estar na vida sós,
Mercê da falha duma criatura?!
O que é preciso é não falharmos nós.

Não tentes entender-me o coração...
Só podem ver na minha vida escura
Olhos acostumados á paixão.

Dôr abençoada

Nas tuas mãos, eternamente moço,
O coração, que um dia te entreguei,
Amo-te tanto quanto sei e posso,
E eu posso um pouco e alguma coisa sei.

Quando te encontro, eu sinto um alvoroço
No meu sangue, que nunca imaginei;
No entanto, ao ver-te, se por Deus eu roço,
Quanto não sofro e ainda sofrerei!...

Mas, se eu tivesse tido um filho, era
Assim que eu desejava que ele amasse,
Co'uma paixão tão grande e tão sincera.

Desde que um dia, p'ra ventura sua,
A tua linda alma ele encontrasse
No lindo corpo duma filha tua!

Amar ou odiar

Amar ou odiar: ou tudo ou nada!
O meio termo é que não póde ser.
A alma tem d'estar sobresaltada
P'ra o nosso barro se sentir viver.

Não é uma cruz a que não fôr pesada,
Metade dum prazer não é um prazer;
E quem quizer a alma socegada
Fuja do mundo e deixe-se morrer.

Vive-se tanto mais quanto se sente;
Todo o valor está no que sofremos...
Que ninguem seja indiferente!

Amemos muito, como odiamos já:
A verdade está sempre nos extremos,
Porque é no sentimento que ela está.

Os que nos fogem

Eu nunca tive a mais pequena queixa
P'ra alguem que eu visse que me vai fugir;
Só quem nos não quer bem é que nos deixa
E quem nos não quer bem deixá-lo ir.

Que faz do seu orgulho o que se queixa?!
Falha o presente? Temos o provir!
E ao coração que, um dia, se nos fecha
Não nos fica o direito de o abrir.

Nada e ninguem faz falta: eis a verdade.
E uma afeição é apenas um detalhe
Na nossa vida cheia d'anciedade.

De resto, cada amor que nós percamos,
Como cada amizade que nos falhe,
E' uma grande certeza que ganhamos.

O segrêdo do amôr

Homem que amas e não és amado,
Se a que tu amas não estima alguem,
Tu és, por fim, o unico culpado,
Porque, decerto, não a amas bem.

Só um amor por outrem nos sustem;
Mas, livre o nosso coração anciado,
Forçosamente ha de entregar-se a quem
A sua falta faça desgraçado.

O que é preciso é amar; e toda a gente,
Que nós vemos p'ra aí com o pudôr
De se julgar bondosa ou inteligente,

Não hesita em pensar, desvanecida,
Que ama como ninguem, quando o amor
E' ainda o mais dificil que ha na vida.

Dia dos mortos

Dia dos mortos, dia em que nasceu
A minha alma, dia dos meus santos:
E a todos vejo, sob um denso veu,
Bernardo, Julio, Manuel e quantos!

Dos meus amigos já morreram tantos
E foram tantos os que Deus me deu!...
Correm p'lo mundo copiosos prantos;
Erguem-se os olhos todos para o ceu.

Um coração em cada sepultura,
Que pungentes suspiros aflitivos
Os desta hora cheia d'amargura!

Mas ha uma dôr peor, que nada acalma:
E' a saudade daqueles que estão vivos
E que morreram para a nossa alma.

OS MAIS LINDOS FATOS, VESTIDOS E SOBRETUDOS

SÃO FEITOS COM AS FAZENDAS DOS FABRICANTES

ROSA & IRMÃO

COVILHÃ

MOEDAS E NOTAS

DE TODAS AS NACIONALIDADES

LIBRAS E MOEDAS DE OURO

PANCADA, MORAES & C.ª

RUA AUGUSTA, 37 (esquina Rua São Julião)

OPERAÇÕES DE CAMBIO, CREDITO E BOLSA

NACIONAL

Telef. N. 3049

HOJE ás 21,30

A notavel peça canadiana

Grande exito deste teatro

MISTER WU

Brilhante conjunto de desempenho

Foram suspensas as representações da peça VIRIATO por motivo de doença do actor Rafael Marques.

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE

Recita de SEBASTIÃO RIBEIRO

Unica da celebre opereta

A Mascotte

Aldina de Sousa no papel de «Flôr de Abril»

A'manhã — «Reprise» da opereta portugueza MILAGRE DA ALDEIA

SUCESSO ENORME

O maior dos ultimos tempos é o do

Teatro APOLO

Os Fidalgos da Casa Mourisca

com Eduardo Brazão, José Ricardo, Maria Matos e Ilda Stichini

A'manhã: Inauguração das recitas da moda

PEÇA-OS EM TODA A PARTE

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

BORDALLO PINHEIRO, LIMITADA

Em escritura de 20 do corrente, outorgada perante o notario abaixo assinado, os socios da sociedade por quotas Bordallo Pinheiro, Lallemant, Limitada, desta praça, estipularam de comum acordo que a mesma sociedade passa a girar sob a firma BORDALLO PINHEIRO, LIMITADA, que adopta agora para todos os seus actos e contratos.

Lisboa, 28 de fevereiro de 1923.

O notario,

Antonio Tavares de Carvalho

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO 74

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O Fado

Na serenidade da noite luminosa, ainda um pouco fria, mas em que já se pressente a primavera, ouve-se, na rua, a voz sentimental duma guitarra. E' a alma popular que passa e canta, ardente e profunda, com essa arte expontanea que não se aprende, nem se ensina, com essa expressão penetrante e misteriosa que nos comove e nos atrai...

Os musicos superiormente cultivados fazem, em geral, uma implacavel campanha ao «fado», «doentio» e «dissolvente», que não eleva o gosto, que não educa o espirito... Eu, sem discutir rasões, não posso concordar, nem pelo sentimento, nem pelo raciocinio, com essa campanha, porque me parece que o fado é a musica popular portuguesa que mais reflecte a alma do nosso povo, com as suas qualidades e os seus defeitos, essa alma em que predomina o «tom menor», com a sua melancolia, alma terna e fatalista, em que luz o sentimento e a bondade, em que um fundo de misticismo e de sonho põe visões de beleza, mesmo nos pensamentos obscuros e incultos...

E' assim que nós somos, é assim que nos reconhecemos e por isso nenhuma outra musica nos comove tanto, quando a cultura musical estrangeira não nos tenha desnacionalizado o gosto, apurando-o, quero crer, mas afastando-o da alma popular colectiva.

Levaram-se guitarras para a longinqua expedição de Alcacer-Kibir, como se levaram para a recente campanha da Flandres... Passam guitarras nas ruas populares de Lisboa, como passam nas ladeiras tipicas de Coimbra e nas estradas silenciosas da aldeia. As notas do fado saem palpitantes e enrouquecidas das vozes doentias da cidade, mas vibram limpidas e sonoras na voz sã dos camponezes. E nenhum cantor, com toda a sua arte, consegue cantar o fado como o tenho ouvido a ignorantes homens do povo.

Por quê esse odio ao fado, se da musica popular de todos os paises se fazem coisas tão belas! Se o fado é assim, é por que nós somos assim... e tais como somos, temos conseguido tantas vezes ser grandes!...

Se tudo o que nos faz mal fosse o fado!...

Maria de Carvalho.

Miranda & Filhos
Joalheiros
PORTO 176-R. 31 de Janeiro-176 LISBOA 50-Rua Garrett-52

CAMBIOS

Dia 7

	Comprador	Vendedor
Londres, cheques	2 11|14	2 9|64
» fim mês.	2 5|32	1 1|8
Paris	1$436	1.440
Berlim	—	1,20
Holanda	—	—
Espanha	—	—
Bélgica	—	1$260
Itália	—	1$140
Suiça	—	4$455
Succia	—	—
Noruega	—	—
Dinamarca	—	—
Nova-York	—	23.870
Brasil	—	—
Rio Londres	—	—
Libra esterlina	—	—
Agio do ouro	—	—

A POLITICA MONARQUICA

O centro catolico ESTÁ DE BRAÇO DADO COM O INTEGRALISMO?

Fala Pequito Rebelo

O sr. dr. Pequito Rebelo fala para o *Diario de Lisboa*. Tema da entrevista: o boato que correu de que o Integralismo Lusitano pensava em ligar-se a outras agremiações politicas, entre elas o Centro Catolico, para defender a organização de um ministerio nacional.

O sr. dr. Pequito Rebelo afirma:

—Em politica religiosa, o Integralismo presa-se de ser *integralmente* catolico, não tanto que queira substituir a acção do Papa e dos bispos, mas o bastante para acatar a sua autoridade em todas as questões de politica da Igreja.

— Mas a ultima Pastoral...

—Entendo que tem a par de um sentido religioso uma intenção nacional de verdadeira utilidade patriotica. A Pastoral deve entender-se tambem como uma solene advertencia aos erros da politica conservadora nos ultimos trese anos.

— Qual é então a politica que v. ex.ª defende?

— No momento actual só pode triunfar uma politica contraria ao espirito partidario, executada sobre uma base de amplo nacionalismo e orientada por um criterio contra-revolucionario de robustecimento e concentração do governo nacional, acompanhada de um apelo ás forças sindicalistas, aos Estados Gerais, a todos aqueles que produzem valores materiais e morais uteis á Nação.

—Mas a Pastoral manda aderir á Republica...

O sr. dr. Pequito Rebelo, a iludir a resposta:

—Penso eu que a Igreja manda, como sempre mandou, respeitar o poder de facto e não a forma que ele reveste, porque a forma de governo é uma lei, a lei constitucional, que pode ser injusta no ponto de vista religioso como as outras.

—E as relações do Integralismo com o Centro Catolico...

—Todos os integralistas que são catolicos dão deixarão de auxiliar na medida das suas forças a acção politica ditada pelos bispos, que apesar de quaisquer aparencias não deixará de visar o bem comum, que é o principio fundamental do nosso programa. Colectivamente, o Integralismo, no momento presente, é mais uma organização doutrinaria e intelectual do que uma agremiação politica. Dá-se até a circunstancia de que, posta de parte a acção diaria do Integralismo na politica monarquica, estamos assistindo á demonstração pratica do que possam valer principios contrarios á nossa doutrina ou mesmo o *principio de não ter principios* para o efeito da restauração monarquica portuguesa.

—E quando retoma o Integralismo a sua actividade?

—O Integralismo nunca a perdeu, ou pelo menos o seu ponto de vista intelectual, que continua a ser defendido em publicações de caracter amplamente nacionalista.

Algumas afirmações que nos parecem interessantes e que constituem uma revelação:

—Quando retomar toda a actividade, *e o momento não vem longe*, o Integralismo nunca perderá o seu caracter de organização intelectual. Na politica pratica, tomará a iniciativa, ou seguirá aquela que outros tomem, de duas grandes campanhas nacionais: uma de caracter sindicalista, de organização profissional segundo os criterios contra-revolucionarios das escolas de Jorge Valois e do Catolicismo Social e outra de caracter nacionalista, organizando militantemente contra os partidos, a plutocracia, as sociedades secretas, o bolchevismo e a intervenção estrangeira—acima de opiniões dinasticas ou de regime—todos os portugueses que tenham uma profissão conhecida,

—Defende v. ex.ª a ideia de um governo nacional?

—De maneira nenhuma. O nacionalismo, em Portugal, deve começar por actos, depois passar á organização e esta é que ha de actuar sôbre o governo, seja ele qual fôr, levando-o a aproximar-se cada vez mais da realisação do interesse nacional.

Uma opinião para terminar:

—Nada de bom será possivel fazer na politica portuguesa, emquanto não se liquidar o tremendo equivoco das palavras, que faz com que existam entre nós politicos que se dizem monarquicos e não querem que o rei governe, mas sim os partidos, e politicos que se dizem republicanos e querem que os partidos governem e não o povo.

ANTOLOGIA LUZO-BRAZILEIRA

«Ciclo poetico de Junqueiro»

No Salão do teatro Nacional realiza-se ámanhã a 4.ª conferencia, presidida pelo embaixador do Brazil, da série destinada a subvencionar a Antologia Luzo-Brazileira na Alemanha.

Tomando para têma do seu trabalho o «Ciclo poetico de Junqueiro», na sua dupla fisionomia lirico satirica, o sr. dr. Trindade Coelho fará uma lição de critica e de beleza digna do grande poeta dos «Simples» e do nome consagrado do conferente.

ARMAZENADOR DE CONFIANÇA...

Roubo de toucinho e chouriço

Antonio Ambrosio, estabelecido na rua da Bica do Sapato, 6, apresentou queixa á policia, de que, tendo mandado numa carroça para Xabregas, um caixote com chouriços e toucinho, ali encarregou José da Costa, Beco dos Toucinheiros, 16, 1.º, de guardar aqueles generos, tendo este pouco depois desaparecido, levando uma porção de chouriços e toucinho, no valor de 870 escudos.

NA BOA-HORA

Conflito entre um advogado e um agente de investigação

Disseram os jornais que, por motivo dum conflito havido na Boa Hora, entre o sr. dr. Francisco Vieira e o agente Reis da investigação, aquele havia sido preso:

—Não foi verdade—diz-nos o advogado a que a noticia se refere.

—O que se passou, então?

—Já noutras audiencias, eu tivera discussões com aquele agente. Ha dias, no Tribunal de Defeza Social, fui defensor de um rapaz, acusado pela policia, de se entrgar á vadiagem.

—E era realmente vadio?

—Declarou que era maior e que a familia o sustentava. E a policia, sem averiguar se era assim, enviou-o para a Boa Hora, com aquele rotulo infamante.

Um comentario, talvez justificado:

—Não sei como aquilo anda, lá pelo Governo Civil. Talvez seja por estar tudo entregue a gente nova. O que é certo é que, procedendo assim, só conseguem fabricar vadios e criminosos.

Agora a scena do tribunal:

—Verifiquei que o processo não tinha pés nem cabeça. E' claro que me atirei ao agente, estranhando que houvesse tão pouco escrupulo, tratando-se da liberdade e do futuro dum individuo. A certa altura, disse-lhe: «Parece impossivel que um homem que é Fidalgo no nome proceda tão plebeamente...»

O agente ofendeu-se...

—Não houve qualquer conflito?

—Não. Terminado o julgamento, quando eu saia da Boa Hora, o referido agente aproximou-se e disse-me que me considerasse preso.

—Entregou-se?

—Não. E como ele insistisse, puxei de uma pistola, não com intuito de a disparar, mas para evitar que ele, arbitrariamente, me prendesse e disse-lhe: «Se quizer, prenda-me aqui dentro; lá fóra não».

E a terminar:

—Era o que faltava! A policia não póde coartar aos advogados o direito de defender os seus clientes, ainda que para isso tenham de indicar terceiros. Sem essa liberdade, a defesa seria uma «blague»...

A' VENDA:
6.º NUMERO
FINAL DA 1.ª SÉRIE
DA
REVISTA DE TEATRO
contendo a comedia em 3 actos da Parceria
E. Rodrigues, F. Bermudes e J. Bastos
O AMIGO DE PENICHE
Colaboração escolhida e gravuras
Cerca de 80 paginas

Provem os bifes
GRANDE ESPECIALIDADE
LEITARIA CHIC
Praça dos Restauradores, 20

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

NO PARLAMENTO

Oradores de hoje e de ontem

e a preguiça dos legisladores

Em jornalismo — no jornalismo moderno, todo de impressões do momento — o assunto escolhido é, as mais da vezes um simples pretexto. A' roda dele, começam, pouco a pouco, a alinhar-se coisas curiosas, pormenores interessantes que o encobrem e o deixam na sombra, por contraste.

Quando hoje entrámos na Camara dos Deputados, só levavamos um fito: saber o que queria dizer a nota oficiosa mandada aos jornais, sobre acusações feitas ao pessoal do Congresso:

—Essas acusações — diz-nos prontamente o almoxarife, sr. José Valente Grijó — não teem importancia. Referem-se ao trabalho nocturno dos empregados da Contabilidade. Dizem que eles de dia, pouco fazem, para obrigar ás horas extraordinarias.

Afinal, veiu a averiguar-se que, nenhum recebeu qualquer quantia por essas horas extraordinarias e que todos renunciaram voluntariamente a qualquer remuneração, para não darem razão á campanha jornalistica que se vinha esboçando.

* * *

Um continuo da Camara — um dos que já lá estacionavam ha dezena sde anos — era só por si um bom assunto, pelas suas memorias, pelas suas recordações. O que conversou comnosco já por lá anda ha cerca de 30 anos:

—O que é que pensa disto, da mudança de gente?

Um olhar de receio, não vá qualquer revelação comprometê-lo. Depois, a lingua desatrela-se:

—Olhe: Quere que eu lhe diga com franqueza? Eu sou republicano; mas... mas isto está muito em baixo...

—O publico não se interessa?

—A não ser por qualquer sessão muito anunciada, ou quando interessa a qualquer classe numerosa.

—Os oradores de hoje...

—Se os ha, estão calados. Dos que falam, poucos se aproveitatam...

E, mais baixo, que as paredes teem ouvidos:

—Imagine, que alguns até discursam em calão!

Recordações:

—O que eu tenho visto aqui dentro! A andarem por debaixo das carteiras. Uma vez, êra o Ressano Garcia, ministro da Fazenda, com o José Luciano, teve uma scena com o Kendall... Muito eu me ri... E ainda ontem vi geitos de haver pancada.

Uma critica ao desinteresse dos parlamentares pelo paiz:

—Imagine: ontem não houve sessão nocturna, por faltarem dois deputados. A um que tudo deve á Republica e que é director geral, ouvi eu dizer: — «Se é para fazer numero, não vou lá para dentro...» E saiu.

—Mas eles não ganham quando faltam...

Estabelece-se grande discussão entre o nosso interlocutor e um colega. Um, diz que sim, outro, diz que não. Afinal, esclarece-se o caso. A lei diz que, por cada falta, são descontados dois dias. Mas, no dia seguinte, arranjam sempre atestados de doença, e recebem o ordenado por inteiro...

—Ainda, no fim do mês, o sr. Tavares de Carvalho...

E um deles, a rematar:

—Dois anos de cadeia é que eles precisavam, por cada falta... O paiz elege-os e paga-lhes, para trabalharem...

"SÁCHÁ"

Comentarios á vida moderna, por

Francisco Manuel-Cabral Metelo

A' venda em todas as livrarias

MOÇAMBIQUE E A UNIÃO

Deve ser renovado O ACTUAL CONVENIO COM A AFRICA DO SUL

Fala Alvaro de Castro

Num gabinete de escrivão da Boa-Hora — aquela soturna e labirintica Boa-Hora — parece um paradoxo — conseguimos, esta tarde, uma entrevista sobre Moçambique. Tinhamos descortinado, remechendo folhas de processos, todo entregue aos seus afazeres profissionais — tal como se estivesse em ferias parlamentares — o dr. Alvaro de Castro. Acercámo-nos, um cumprimento diplomatico e respeitoso, e logo:

— Tivemos o prazer de o avistar do corredor, e lembrámo-nos de Moçambique:

— Mas estou trabalhando, como vê.

— Cinco minutos apenas...

Um sorriso condescendente. Uma compostura de monoculo, e eis o politico, de primeiro plano, muito a nosso gosto, decidido a falar. E foi esta a nossa primeira pregunta:

— Deve ser renovado o convenio com a União?

— Certamente que deve. Creio ser isso o que se pretende fazer pelo ministerio das Colonias.

— As negociações — foram rotas abruptamente...

— Por esse motivo, procurou-se restabelecê-las e para esse efeito negociou-se um *modus-vivendi*.

— E pode considerar-se vantajoso esse *modus-vivendi*?

— O que conviria, para garantir a nossa situação e a liberdade de negociar, era o *statu quo ant* — menos perigoso que o *modus-vivendi* — mantendo sómente a primeira parte da convenção. São as vantagens do *modus-vivendi*, que se diz negociado, que o sr. ministro das Colonias terá de expôr ao País.

— Em que condições deve ser renovado o convenio?

— Não é facil em poucas palavras definir *todos* os pontos que convirá defender nesse novo convenio, mas avultará o do aumento de receita resultante do fornecimento da mão de obra, condições de protecção dessa mão de obra, adopção do *deferred pay*, facilitações do inter-cambio comercial e aumento do trafego garantido por disposições insofismaveis.

— Essas negociações poderão fazer-se sem grandes obstaculos?

— A opinião na Africa do Sul creio que se modificou bastante, permitindo-nos negociar em melhores condições, e essa opinião atingiu o proprio primeiro ministro, que se mostra menos irreductivel. — Vejam-se as suas declarações...

— O que teria contribuido para isso?

— Em boa parte a atitude do Parlamento, quando teve conhecimento das exigencias feitas aos delegados de Portugal.

— A União creará um novo porto?

— Dadas as dificuldades do momento presente, dificuldades de toda a ordem, de supôr é que esse projecto não se realize em tempo muito proximo.

— Lesar-nos-ia esse projectado porto?

— A ser construido ficaria a meio da distancia que vai de Lourenço Marques a Durban...

— Dessa fórma...

— Prejudicando-nos a nós, tambem se prejudicavam a eles.

E a entrevista achou aqui o seu fecho.

"Cimento Armado"

Um livro bastante util

A Biblioteca de Instrução Profissional, que tantos serviços tem prestado, acaba de publicar mais um volume precioso, em que se ocupa largamente da utilisação do cimento armado. Sabido o desenvolvimento que o cimento tomou em todo o mundo, inclusivamente no nosso país — tão atrazado em materia industrial — o aparecimento de uma obra como esta interessa a todos os tecnicos da especialidade, que nada tinham em português sobre o assunto. Elaborado cuidadosamente, o interessante volume é um repositorio completo de todos os principais trabalhos de cimento, tendo inumeras gravuras e tabelas auxilares.

Obesidade — Artristismo

Mecanoterapia — Banhos de luz

ESTORIL-TERMAS

O 19 de Outubro

Um banquete no Porto

E' no dia 18 que se realiza no Palacio de Cristal do Porto, o banquete oferecido pelo partido radical daquela cidade aos oficiais outubristas radicais e independentes.

* * *

Continuam ámanhã os julgamentos dos tripulantes da «camionette» fantasma, no Tribunal Militar de Santa Clara.

Suicidio ou crime?

Esta manhã, apareceu morto num poço, no Paço do Lumiar, Antonio de Figueiredo, ali morador, sendo retirado por um piquete de bombeiros municipais, ao mesmo tempo que seguia para ali um agente da policia de investigação, a fim de apurar se houve crime, parecendo, no entanto, que se trata dum suicidio.

Pelos teatros

A hora dos teatros

Inesperadamente, sem qualquer aviso previo, a policia que fazia ante-ontem serviço nos teatros impediu que os espectadores entrassem na sala depois do pano subir, cumprindo-se assim, uma disposição que por impraticavel, havia sido posta de parte. O resultado foi que as emprezas sofreram um grave prejuizo, visto que muitos espectadores retardatarios se dirigiram ás bilheteira reclamando o seu dinheiro, não sem que fizessem ouvir ruidosamente os seus protestos. Temos, pois, que se semelhante ordem se mantiver, continuarão todas as noites as mesmas scenas, visto que o que atraza, muitas vezes, a entrada dos espectadores, é a irregularidade das carreiras dos electricos e o adeantado da hora a que chegam ao Rossio e ao Cais do Sodré os chamados comboios dos teatros, que servem as linhas suburbanas. Averigue o sr. governador civil da verdade destas informações, verifique que não é facil, em meia hora, despachar numa só bilheteira 50 ou 60 espectadores, formados em bicha, e v. ex.ª será decerto o primeiro a ordenar a revogação da sua ordem, que trazendo para os teatros um grande prejuizo, em nada vem impôr o seu nome de pessoa acizada e prudente.

Jesuina de Chaby

E' ámanhã que sobe á scena no Avenida, em recita unica, para festa artistica da ilustre actriz Jesuina de Chaby, a já celebre peça «Blanchette», que ha anos se não representa em Lisboa e que sempre é acolhida pelo publico com verdadeiro entusiasmo. A festejada, que nesta peça desempenha o curioso e dificil papel de «Sr.ª Rousset», tem um trabalho notavel de verdade e de sobriedade, ao lado de seu marido, o grande actor Chaby Pinheiro, que no papel de «Rousset» tem uma das suas maiores corôas, e de Cremilda de Oliveira, que, na «Blanchette», alcançou, quer no Brasil, quer no Porto, recentemente, um grande sucesso artistico. «Blanchette», que é uma peça humana, que não envelhece nunca, vai ter uma noite de aplausos, assim como a festejada, já hoje inigualavel na interpretação de personagens deste caracter.

Rafael Marques

A' ultima hora, adoeceu ontem repentinamente, com um grande ataque de garganta, impossibilitando-o de trabalhar por alguns dias, o actor Rafael Marques, socio-tario do teatro Nacional. Por este motivo, não pôde haver espectaculo neste teatro com a peça «Viriato», conforme estava anunciado. E como este artista desempenha o protogonista e não pode facilmente ser substituido no seu papel, volta hoje á scena a peça de grande sucesso «Mister Wu», retirada de scena recentemente, em pleno sucesso. O medico assistente de Rafael Marques é o sr. dr. Caldeira Cabral.

Atrás do reposteiro

Realisa hoje, no S. Luís, a sua festa, o estimado actor Sebastião Ribeiro, um dos melhores elementos da companhia de Armando de Vasconcelos. Representa-se, pela ultima vez, a peça «A Mascote», na qual o festejado desempenha o papel de «Crispim».

—Tambem, no Eden-Teatro, realisam hoje a sua récita, com a opereta «O Fado» e um acto de variedades, os actores Santos Carvalho e Armando Machado, dois elementos comicos de reconhecido merito.

—A companhia Aura Abranches, de que fazem parte Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo e Sacramento, e que se estreia no dia 20 do corrente, no Avenida, trás no seu reportorio nove peças inteiramente novas para Lisboa e dezoito para «reprisar».

—A companhia Nascimento Fernandes está trabalhando activamente nos ensaios das peças do repertorio que leva á provincia. Em Faro, terra da sua naturalidade, está-lhe sendo preparada uma bela recepção.

—A actriz Cremilda de Oliveira realisa a sua festa artistica, na segunda feira, 12, com a primeira representação da comédia de André Brun, «A vida de um rapaz gordo.

—Realiza-se ámanhã, no Coliseu dos Recreios, uma grandiosa «matinée» elegante, com um magnifico programa, executando todos os artistas variados trabalhos. Esta companhia termina os seus espectaculos no dia 26 do corrente.

AS ANDORINHAS

As andorinhas, as gentis mensageiras da primavera, viajoras constantes da nossa terra, chegaram no dia 9 de Fevereiro ao «chalet» Cabral Pinto, em Algés. A sr.ª D. Maria Cabral Pinto, uma das amizades mais vivas do grande poeta Gomes Leal, recebeu com alegria as alegres avesinhas que todas as estações não se esquecem dos ninhos que construiram ha já dez anos.

POLITEAMA ÁMANHÃ

A RIBEYRINHA

Admiravel trabalho de AMELIA REY COLAÇO

Companhia da Africa Ocidental Portuguesa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital autorisado: Escudos 6:000.000$00
Capital realisado: Escudos 3:200.000$00

Exploração industrial, comercial e agricola das salinas, pedreiras, fornos de cal, tijolo e telha, gados, vacarias, prados, hortas, palmares, pomares e de todos os productos coloniais das suas propriedades em Loanda, nos Muceques, Cacuaco, no Vale do Bengo, fazendas Adelaide, Camões, Preciosa, Mariana, Quilombo e Santo Antonio, e no Golungo Alto, Elisa, Cambondo, S. José, Roça do Rio Zenza e Vale Flôr.

Emissão de Escudos 2:800.000$00 em 28.000 acções do valor nominal de Escudos 100$00 cada uma para complemento do capital autorisado, nos termos do paragrafo 2.º do artigo 5.º do capitulo II dos Estatutos da referida Companhia, constituida por escritura de 31 de Dezembro de 1920 e especialmente destinada ao desenvolvimento das industrias e culturas mencionadas.

EMISSÃO TORNADA FIRME POR UM GRUPO FINANCEIRO

As novas acções terão direito a 50 por cento do dividendo que vier a ser atribuido ao capital na gerencia de 1922-1923 e que foi de 6 por cento no ano de 1921-1922, primeiro da laboração da Companhia.

As acções, serão oferecidas á subscrição publica pelo preço de 120$00, com preferencia dos actuais accionistas, que terão direito a subscrever numero igual de acções ao de que forem já possuidores, ao preço de 110$00.

A subscrição está aberta em Lisboa, no Banco Colonial Português, e na casa Pinto & Sotto Mayor; no Porto, Coimbra, Braga e Chaves nas agencias desta casa; e nas Sucursais de Loanda, Benguela e S. Tomé, do Banco Colonial Português.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

No acto da subscrição (de 10 a 31 de Março)	25$00 por acção
De 1 a 20 de Abril de 1923	25$00 „ „
„ 1 a 20 de Maio de 1923	25$00 „ „
„ 1 a 20 de Junho de 1923	25$00 „ „
„ 1 a 20 de Julho de 1923, para os actuais accionistas . . .	10$00 „ „
para os não accionistas	20$00 „ „

Os subscritores terão a faculdade de liberar o pagamento de quaisquer prestações, mediante o abono do juro de 6 por cento [illegible] e a demora no pagamento de qualquer prestação ficará sujeita ás penalidades usuais e legais.

A DIRECÇÃO

DAS 5 PARTES DO MUNDO **ESTRANGEIRO** DAS 5 PARTES DO MUNDO

A' VOLTA DA OCUPAÇÃO DO RUHR

A França e a Alemanha

E' ILEGAL

TODA A ACÇÃO

EXERCIDA

PELOS FRANCESES

DIZ O CHANCELER CUNO

BERLIM, 7.

O chanceler Cuno proferiu o seu anunciado discurso acerca da situação creada pelos franco-belgas que continuam a apoderarem-se de territorios da Alemanha. Referindo-se ao tratado de paz e ao direito internacional disse que a acção exercida pelos franco-belgas era ilegal, servindo-se de varios argumentos apresentados pelo sub-secretario dos negocios estrangeiros na Inglaterra sr. Meneill apresentados na Camara dos Comuns. Apontou os actos de força e terror cometidos pelo exercito invasor referindo-se ás ordens de prisão e expulsão e a ameaça de pena de morte feita aos ferro viarios que permanecem liais ao seu pais.

Falou tambem da ocupação de Darmstadt, Mannheim, Karlsruhe e outros pontos do territorio alemão. O chanceler proseguindo nas suas considerações disse que os visinhos da Alemanha deviam evitar crear odios que dificilmente seriam removidos. Depois de ter frisado que a ocupação da região do Ruhr não tinha dado qualquer vantagem economica á França ou á Belgica disse que a resistencia feita nessas regiões não tinha sido ordenada nem organizada pelo governo mas que provinha unicamente do sentimento nacional que é mais profundo que qualquer mina de carvão. O chanceler negou energicamente que o governo ou a industria alemã se recusem a negociar ou a fugir ás suas obrigações desde que estas sejam apresentadas em devidos termos. Terminando o chanceler qrotestou contra a situação actual e apelou para a justiça do mundo e para as potencias signatarias do Tratado, aconselhando aos seus compatriotas a resistencia passiva.—(R.)

25:000 operarios

que estão sem trabalho

DUSSELDORF, 7

O «chômage» tem aumentado consideravelmente. Em Dusseldorf ha 25:000 operarios sem trabalho, em Colonia 10:000 e em Durheim a situação é a mesma. Em Waggen e Velbert as centrais electricas estão trabalhando de uma maneira intermitente. Em Kagen falta o carvão e na região de Aix-la-Chapelle a industria textil não tem trabalho, pelo que os operarios foram despedidos. Muitos destes desejariam trabalhar para os franceses e belgas, mas receiam as ameaças e estão muito descontentes a respeito da repartição da colecta do Ruhr, cuja maior parte é destinada ás organisações nacionalistas.

Supõe-se que o governo alemão renunciaria á politica de «chômage» e provocaria um «lock-out», esperando que dai resultem incidentes.—(H.)

Os franceses

apoderaram-se de 40 locomotivas

DUSSELDORF, 7

Tem melhorado o serviço ferro-viario. Partiram para a Italia onze comboios de carvão. Os franceses apoderaram-se de 40 locomotivas e de 30 wagons de carvão.—(R.)

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

OS ALEMÃES

PODEM QUEIXAR-SE

DOS FRANCESES?

Recordam-se factos interessantes

Os franceses, fazendo paralelos para inutilizar a campanha movida pela Alemanha a proposito da ocupação do Ruhr, deram agora em recordar o que fizeram os adversarios em circunstancias que, verdade, verdade, não eram de molde a tornar desculpaveis, sequer as violencias cometidas.

Assim, em outubro de 1916, — lembra-o «Le Matin» — o «maire de Noyon expedia a seguinte ordem que é duma brutalidade implacavel, aos habitantes da cidade.

«O «maire» de Noyon tem a honra de prevenir os seus administrados de que todos os homens de menos de 60 anos de idade, sem excepção, deverão pôr-se á disposição do exercito alemão para todos os trabalhos de que ele tiver necessidade. Sómente os comerciantes, cuja presença é indispensavel nos respectivos estabelecimentos, poderão continuar tratando dos seus negocios. Todos aqueles que, estando em idade de trabalhar, se fizerem isentar por meio de certificado medico, serão evacuados por punição e reunidos em companhias de trabalho no norte da França ou na Alemanha».

* * *

Ao mesmo tempo, o sr. Stephane Lausanne, falando ha dias das condições impostas á Alemanha, em virtude e como consequencia do Tratado de Paz, recordou o Tratado de Bucarest, de 1918, pelo qual a Alemanha arrancou á Romania a Dobrudja e o porto de Constantinopla, o unico que aquele paiz possuia.

Nesse tratado — consta — estipulava-se que os exercitos alemães ocupariam a Romania até uma epoca que ulteriormente seria fixada, por escolha da Alemanha. Emquanto durasse a ocupação, o governo de Berlim teria um representante em cada ministerio romenio, com direito de intervenção e de mando.

Como se isso não bastasse, a jurisdição civil e militar alemã regiria durante tambem o tempo da ocupação, por cujas despezas se responsabilizariam os vencidos.

Mais: os romenos não poderia ter mais de 32.000 homens em armas, e todos os varões de 14 a 60 anos de idade poderiam ser aproveitados em trabalhos manuais por conta dos ocupantes.

Estabelecia-se ainda, que, durante 30 anos, o direito exclusivo á exploração de todo o petroleo romeno seria concedido a uma sociedade alemã, á qual ficaria o direito de utilizar os caminhos, os armazens, as linhas ferreas, e os correios e telegrafos. Trinta anos decorridos, ainda a referida sociedade alemã poderia prolongar por mais 60, a concessão.

Quanto áquele tratado foi assinado, o representante romeno, Pedro Mizzir, queixou-se, chorando: «os senhores reduzem o meu paiz á escravidão!»

Ao que o alemão respondeu cinicamente:

—E olhe que se trata de uma paz de amigos. Dentro em pouco se convencerá disso, quando vir as condições que vamos impôr á Inglaterra e á França. Essa não será de amigos.

Stephane Lausanne lembra ainda que, apenas se concluiu esta «paz de amigos», os alemães saquearam toda a Romania, levando-lhes os cereais, o petroleo, os moveis, o carvão, os «rails» dos caminhos de ferro, os vagons, os animais, os utensilios agricolas, as arvores, e até os proprios fios telegraficos.

Em face do que se conclue não terem grande autoridade agora, os vencidos, para a choradeira que se puzeram a fazer á volta dos vencedores.

Já lá diz o ditado: «ninguem faça mal esperando que lhe venha bem».

A FRANÇA

NADA GANHOU

ATÉ HOJE

COM A OCUPAÇÃO

DISSE ONTEM BONAR LAW

LONDRES, 7

Bonar Law fez declarações acerca da ocupação francesa no Ruhr na Camara dos Comuns, durante o debate sobre a moção apresentada por Ramsay Macdonal, leader *trabalhista, em que convidava a Camara dos Comuns a solicitar dos parlamentos aliados que nomeassem um comité de todos os partidos para trocar pontos de vista com um comité identico da Camara dos Comuns acerca da ocupação do Ruhr em relação aos problemas de segurança e de reparações. Bonar Law disse que a ninguem agradava a situação do Ruhr e que desejaria ve-la terminada, acrescentando que a França não tinha até agora ganho nada com a sua ocupação da região do Ruhr, tendo pelo contrario havido pesadas perdas e que se não arriscava a profetizar o que viria a suceder. E' verdade que as perdas não eram só dum lado e que esta situação pode ser absolutamente ruinosa para a Alemanha.*

Disse ainda que não lhe parecia que a intervenção neste momento tivesse qualquer utilidade e que seria julgada como um acto hostil para a França. A anciedade que esta situação causava á Camara era contudo absolutamente perfilhada pelo governo não só por todos os motivos de ordem economica e de perda de riqueza geral mas ainda porque quando uma Nação entra no caminho da aventura é muito dificil faze-la sair dele.

Munich

vai ser ocupada?

LONDRES, 7

O «Daily Telegraph» diz que nos circulos politicos se supõe que a ocupação de Darmstadt, de Karlsruhe e Manheim são os preliminares do avanço francês sobre Munich, que o marechal Foch e outras personalidades militares francesas dizem ser o centro da revivescencia militarista alemã.—(R.)

Robert Cecil

diz que a proposta é insuficiente

Lord Robert Cecil, conservador, declarou que a proposta de Ramsay Macdonald era insuficiente para tratar duma situação tão grave e estava convencido que não daria resultado.

Romald Macmeill, sub-secretario dos negocios estrangeiros, disse que os caminhos de ferro da margem direita do Rheno que estão na zona inglesa ficarão sob a fiscalização britanica. Tendo sido preguntado se os franceses tinham pedido ao governo inglês para que lhe fosse concedida a fiscalização dos comboios, o sr. Msneill disse que tinham sido feitas propostas para se resolver o assunto, mas que as negociações não previam a fiscalização por parte da França de comboios da zona inglesa.—R.

GOVERNO GERAL DE ANGOLA

AGENCIA GERAL DE ANGOLA EM LISBOA

São precisos engenheiros, conductores diplomados e desenhadores para o serviço do Estado na Provincia de Angola.

As condições do contracto estão patentes nesta Agencia Geral, todos os dias uteis, durante as horas do expediente.

Lisboa, 7 de Março de 1923.

O AGENTE GERAL, interino,
ROBERTO CARLOS DA FONSECA

- DI-LO TODA A GENTE -
QUE SÃO OS FABRICANTES
DONAS DA COVILHÃ
QUE MAIS BARATO VENDEM, DIRECTAMENTE AO PUBLICO, AS MELHORES E MAIS BONITAS FAZENDAS DE LÃ PARA
FATOS E VESTIDOS
DEPOSITO DE VENDAS A RETALHO
Em Lisboa - R. dos Fanqueiros, 187-2.°
No Porto - R. Fernandes Tomás, 392-A

ALDEGALEGA DO RIBATEJO

Maria Leopoldina Relogio de Oliveira

FALECEU

Eulalio Euzebio de Oliveira, Antonio de Oliveira e Julia Adelaide de Oliveira participam ás pessoas de suas relações e amisade o falecimento de sua querida mãe e que o seu funeral se realizou no dia 5, para o cemiterio da mesma vila.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A POLITICA

Os boatos continuam a ser desmentidos...

Liberato Pinto diz ser falso que conspire

Ha politicos á volta de quem os boatos andam constantemente, como os corvos á roda dos cadaveres. Um desess politicos é sem duvida nenhuma o sr. Liberato Pinto.

Depois da sua vinda do forte de Elvas, esses boatos intensificaram-se, originando até a sua deportação, com Feliciano da Costa e Xavier Pereira, para Angra do Heroismo.

Voltou o antigo presidente do ministerio do desterro, e, apesar de declarar que, em absoluto, se desinteressava da politica, o seu nome continuou a andar na boca dos boateiros e dos politicos.

Volta e meia, a mesma «scie»:

—O Liberato conspira, prepara um golpe de Estado... Os amigos do Liberato não descansam...

E ha dias um jornal chegou a afirmar que o antigo chefe do Estado Maior da G. N. R., aderira ao partido presidencialista...

* * *

Esta tarde, o sr. Liberato Pinto, esperava alguem, ao volante dum belo automovel, á porta da Caixa Geral dos Depositos. Acolheu sorridente — com aquele sorriso proverbial que muitos dizem estudado — as nossas preguntas:

—Leu a noticia da sua adesão ao partido presidencialista?

—Não.

—Mas é verdade?

—E' falso! Como falsas são quasi todas as coisas que sobre mim se teem dito nos ultimos meses...

—Dão-no como conspirador...

—Outra mentira. Desinteresso-me absolutamente pela politica.

—Não tenciona voltar a ela?

—Não. Hoje só trato da minha vida particular. Deixe falar os boateiros. Eles bem sabem que é falso o que dizem. Mas não faz mal. Daí não virá grande mal ao mundo...

A pessoa que o sr. Liberato Pinto esperava não veiu. E o automovel deslizou rapidamente pelo Loreto. Que o antigo presidente do ministerio trocou a politica pelo automobilismo, e é um excelente volante...

DE LUTO

Alfredo Guimarães

Faleceu esta tarde o sr. Alfredo Guimarães, 2.º oficial da administração geral das estradas e turismo, um dos mais antigos colecionadores de antiguidades.

O finado era tio do sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, a quem, como a sua familia, apresentamos as nossas condolencias.

Caminho de ferro Coimbra-Gouveia

Os deputados srs. drs. Torres Garcia, Antonio Dias, João Bacelar, Alves dos Santos, Moura Pinto e Paulo Menano e senadores, srs. drs. Pereira Gil e Pais Gomes, acompanhados de uma numerosa comissão de representantes dos concelhos do circulo de Arganil, conferenciaram hoje com o sr. ministro do Comercio, sobre a urgente necessidade de se prosseguir a construção do caminho de ferro Coimbra-Louzã-Arganil-Gouveia, trocando impressões sobre a maneira de levar a efeito tal melhoramento, de interesse para aquela região.

Suicidio por enforcamento

Na sua residencia, na rua Bartolomeu Dias, apareceu enforcado esta manhã, o sr. Vitor de Melo Scharco, gerente da fabrica de moagem do Bom Sucesso.

Depois das formalidades legais, o seu cadaver foi removido para a Morgue.

Licença ilimitada

Foi concedida licença ilimitada ao professor de Vila Nova de Poiares, sr. Aquino de Sousa e Cunha.

A TARDE PARLAMENTAR

UMA DISCUSSÃO VIOLENTA ENTRE OS DEPUTADOS

HOMEM CRISTO E SOUSA ROSA

Um duelo de palavras, por emquanto, entre o general sr. Sousa Rosa e o sr. Homem Cristo, a abrir a sessão.

O sr. Sousa Rosa, que fôra atingido nas acusações ha dias feitas pelo sr. Homem Cristo, defende-se. Linguagem chã, de militar. Referindo-se ao caso da bailarina que foi transportada para o hospital num automovel da divisão:

—O que havia eu de fazer? Havia de deixar a mulher abandonada na valeta.

O orador cresce de indignação, e acrescenta:

—Ha, de facto, três oficiais que estão proibidos de entrar na séde da terceira divisão militar. Matos Cordeiro, que andou a pedir dinheiro por varias casas bancarias; o alferes Almeida, e um capitão picador, o ultimo dos quais é um elemento de desordem em toda a parte onde se encontra.

E no auge da discussão:

—Quanto ao homem que proferiu tais palavras, devo dizer a v. ex.ª que é o denunciante do 31 de Janeiro...

Homem Cristo, o visado, erguendo-se numa atitude rara de tribuno:

—Mente! Mente! Mente!

O sr. Sousa Rosa procura fazer-se ouvir; mas a agitação é tal que não o permite; e ouvem-se apenas, em meio da balburdia as palavras gritadas dos contendores:

Homem Cristo, apontando o comandante da 3.ª divisão militar:

—Mente! Mente!

O comandante:

—E' um canalha! E' um miseravel!

—Peço a palavra para explicações! Peço a palavra para explicações! V. ex.ª não pode consentir que tais palavras se profiram dentro do parlamento!

—Não o autoriso a que me interrompa! Não retiro nada do que afirmei!

O sr. Sá Cardoso, á força de campainhar, consegue que o escutem; e o sr. Sousa Rosa, sem ter retirado as palavras ofensivas, dá por concluidas as suas considerações.

* * *

O sr. Sá Cardoso dá a palavra ao sr. Carlos de Vasconcelos, que tambem a pedira para explicações; mas o sr. Homem Cristo julga haver engano na preferencia, e lembra que a pedira antes.

O sr. presidente explica que o deputado por Cabo Verde se inscrevera primeiro, e o director de «O de Aveiro», duvida:

—Parece-me que não...

Sensação na Camara. Os parlamentares, de pé, estão numa atitude estranha de indecisão e de espanto.

O sr. Sá Cardoso ergue-se, numa atitude indignada de protesto, e clama:

—V. ex.ª não tem o direito...

—Retiro!—responde de lá o sr. Homem Cristo.

E falou, efectivamente, o sr. Carlos de Vasconcelos.

* * *

A sumula do seu discurso:

—Ao encerrar-se a sessão de ontem, o sr. ministro das Colonias, sabendo que eu pedira a sua comparencia para tratar de assuntos que reputo importantissimos, retirou-se de maneira a poder concluir-se do seu procedimento que não tem consideração alguma nem por mim, pessoalmente, nem pelo Parlamento.

Vozes:

—Outro duelo! Outro conflito.

E o orador, a proseguir:

—Os srs. ministros manifestam o maximo despreso pelas nossas falas. Protesto. E se, como homem, saberia chamar s. ex.ª ao campo em que se derimem as questões de honra, como parlamentar fica-me o direito de protestar com toda a veemencia contra o estranho proceder do ministro.

O sr. ministro da Guerra, em nome do seu colega das Colonias, e de todo o ministerio, dá explicações justiceiramente elogiosas para o caracter e para a correcção do deputado, e... sana-se assim o segundo incidente.

* * *

O sr. Homem Cristo, agora, a atirar-se ao general sr. Sousa Rosa como Santiago aos mouros, num tom de voz que lembra os trovões:

— Antes de mais nada, sr. presidente, devo afirmar que não tive, ha pouco, o menor intuito de o ferir na sua dignidade, na sua honra e na honestidade da sua palavra. V. ex.ª, tendo consentido que antes de mim e contra mim se proferissem nesta Camara as palavras mais insultuosas, excitou-se em demasia por virtude de uma duvida minha que em nada podia implicar com a sua honra pessoal.

E depois:

— De duas coisas posso vangloriar-me: nem sou desonesto nem tenho medo de ninguem; absolutamente de ninguem. Nunca injuriei o deputado que se me referiu, como nunca injuriei ninguem. Acusei sim; e acuso, o comandante da 3.ª divisão militar. E tenho o direito de o fazer; e tenho carradas de rasão para o fazer.

Entrando na materia:

— Disse que um tenente foi castigado por não ter tirado o chapeu a um capitão. É absolutamente verdade. Ninguem pode contestá-lo, porque consta de um processo. Venha o processo á Camara, venha o processo; e então se saberá quanto é falsa, fraca e desgraçada, a defesa do sr. comandante, que só me insultou sem contestar um só dos meus argumentos.

A Camara aplaude; e o orador, num crescente de veemencia, diz mais, depois de ter lido um documento de prova:

—Isto é claro, ou a logica não existe! E o caso da bailarina? Como é que se explica que a mulher tenha sido encontrada dentro do quartel? O que estava ela a fazer ali? Teria lá ido para dar lições de piruêtas ao regimento? Teria ido dar á perna com o comandante?

A rir, num riso de escarneo e de remoque:

—Mas... não! Não foi para bailar que a bailarina lá entrou...

* * *

Referindo-se á acusação de denunciante do 31 de janeiro:

— V. ex.ª sabe muito bem, e sabe toda a gente, o que se passou. V. ex.ª é um grande republicano historico. Andava eu pelas cadeias, a pagar o meu republicanismo, corrido de terra em terra, e proibido até de entrar em Lisboa onde tinha a minha casa e o meu ganha pão; quando o sr. comandante da 3.ª divisão usava ainda — sei lá! — calças curtas, e quando ainda não sonhavam com a Republica todos esses adventicios que mais tarde haviam de surgir para disfarçarem com um republicanismo duvidoso a sua vontade de mamar, o seu apetite de comer. Porque foi para comer, sr. presidente, que se fizeram republicanos os que me insultam!

E a concluir:

— Tenho sobre eles a superioridade da minha honra e a isenção do meu passado. Nunca ninguem foi capaz de me assacar uma imoralidade provada; nunca ninguem foi capaz de me dizer autor duma «chantage»! A minha vida é limpa! A minha vida não receia confrontos, como eu proprio não receio as ameaças ou os insultos de ninguem!

E entrou-se na ordem do dia; estando o sr. ministro das Finanças, á hora a que fechamos o relato, a defender, num longo discurso, a sua proposta de emprestimo interno.

Ordem do Exercito

Foi transferida para amanhã a distribuição da «Ordem do Exercito» n.º 4 da 2.ª serie.

DEMENCIA?

A mulher que batia sem qualquer razão numa criancinha

confessou hoje o seu crime

Noticiaram os jornais que se encontrava presa uma senhora de nacionalidade espanhola, dona duma casa de hospedes na rua das Pretas, 7, 3.º, acusada de dar maus tratos a uma criança de 4 anos.

Está tratando do caso o agente Borba.

Procurámos informações no Governo Civil:

—E' verdade a acusação feita á Maria do Rosario?

—E', sim, senhor.

—A arguida já foi ouvida?

—Já. E declarou ter faltado com o alimento á criança, além de a amarrar dias e dias de pés e mãos a uma cadeira. A' noite, quando a criança se deitava, atava-lhe os orgãos genitais com ligaduras.

—A criança já foi examinada?

—Deve se-lo ámanhã, na Morgue; hoje recebeu curativo no posto do Governo Civil.

—Quando são ouvidas as testemunhas?

—Oficialmente, amanhã; hoje foi ouvida a criada da arguida, Ana Vasques, e a hospeda Amelia da Conceição.

—Como tiveram conhecimento do caso?

—Por denuncia da criada Ana.

—Qual o moral da madrinha da criança?

—Boa. Depois de ser ouvida deu-lhe uma sincope, pelo que foi transferida dos calabouços para os quartos particulares.

Roubo ou questão comercial?

Informam-nos do Governo Civil:

Tambem se queixou á policia José Estevam de Matos Teixeira, Avenida Almirante Reis, 60, contra o seu filho Domingos Matos Teixeira, com residencia em Setubal, que, na noite de 5 para 6 do corrente, entrou, por meio de arrombamento, na sua oficina de serralharia, na rua 1.º de Maio, 72, subtraindo-lhe peças de ferramenta, no valor de 945 escudos.

O acusado já foi preso em Setubal, tendo hoje de manhã dado entrada nos calabouços do Governo Civil. Foi já interrogado pelo agente Borba, parecendo estar averiguado que não se trata dum roubo, mas sim de uma questão comercial entre o pai e o filho.

Excursionista «Foto»

Passa hoje o 1.º aniversario desta agremiação

Completa hoje um ano o grupo Excursionista «Foto» que, durante a primavera e o verão do ano passado, alguns passeios organizou a diversos pontos do país, como Tomar, Salvaterra, Alhandra, Azambuja, etc.

A direcção do grupo, que é constituida pelos srs Candido Ferreira dos Reis, Eduardo de Albuquerque e Castro e José de Oliveira Martins, resolveu, para comomorar este facto, oferecer um jantar a todos os socios e outras pessoas que tenham auxiliado o «Excursionista». A' noite realiza-se um chá que os socios, por sua vez, oferecem á direcção.

Os directores da Excursiodista «Foto» estão tratando da elaboração do programa dos passeios a efectuar no ano corrente.

A questão de Moçambique

Voltou a conferenciar com o sr. ministro das Colonias, acerca das negociações com a União Sul Africana, o alto comissario de Moçambique sr. dr. Brito Camacho.

Doenças da boca e dos maxilares

Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais

Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica as 10 horas no

Consultorio do Dr. Ferreira Pires

R. Jardim do Regedor, 51, 1.º